

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

85) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 15, 1838)



UMA VISTA DE XEREZ-DE-LA-FRONTERA.

A fama dos vinhos de Xerez corre por toda a Europa; e principalmente em Inglaterra tem elles particular acceitação. O territorio desta cidade é fertil e bem cultivado, abundante de pomares e hortas, que muito o aformoseam. Muitas pessoas opulentas tem bellissimas vivendas em quintas aprasiaveis e rendosas. O mosteiro que foi dos padres Cartuxos tem uma cerca vasta e deliciosa, e a sua situação é vantajosa. O edificio é de magestosa architectura, com o frontispicio adornado de estatuas: no interior havia quadros de bastante preço. Na igreja notava-se o tumulo do fundador, que foi um genovez, com a estatua deste em bronze, de tamanho natural.

Os Cartuxos de Xerez costumavam fazer, á imitação de todas as communidades religiosas, á portaria do seu convento, uma distribuição quotidiana d'esmolos aos pobres adventicios; mas conhecendo pelo andar dos tempos que a pluralidade destes mendigos eram ociosos, e priguigosos, e muitas vezes vagabundos, alteraram o modo de exercitar a caridade, fundando dois estabelecimentos mais uteis á sociedade: um para rapazes, outro para velhos. Trinta dos primeiros aprendiam, sob a inspecção dos religiosos, o cathecismo, e as primeiras letras, e passados cinco annos de tyrocínio ficava-lhes livre o seguir a vida que quizessem. Doze velhos eram alli sus-

tentados, vestidos, e tractados com toda a caridade, sem mais encargo do que darem graças a Deus, e rogarem pelos seus bemfeitores.

Xerez no interior corresponde á belleza dos seus arredores. Espaçosa, e agradável, tem ruas largas, aceadas, bem calçadas, e até elegantes. Calcula-se a sua população para mais de vinte mil almas.

A agricultura, propriamente dicta, não é o unico recurso dos visinhos de Xerez: applicam-se com proveito a algumas manufacturas, e a criação dos bons cavallos de raça andaluz é um dos importantes objectos de commercio, que já avultou mais no seculo decimo oitavo. Juncto a esta cidade se pelejou a memoravel batalha, que derribou a casta dos monarchas godos do throno das Hespanhas, e estabeleceu o dominio mourisco nestes formosos paizes.

POÇOS ARTESIANOS.

No n.º 30 do Panorama vem um artigo sobre poços artesianos, e principalmente sobre a theoria em que se funda a ascensão das aguas nos dictos poços até a superficie do chão, e mais alto ainda, dando além disso uma idéa geral das differentes formações de rochas, nas quaes são mais ou menos frequentes os depositos ou lençoes d'agua liquida continua [como o

auctor do artigo os denomina]; e como aquelle artigo se limita a theorias, julgámos que o podíamos proseguir, fazendo uma breve exposição practica sobre a utilidade dos poços artesianos, sua diminuta despeza comparativa, e sobre a execução dos trabalhos para a abertura dos mesmos poços.

A sciencia-arte da abertura de poços artesianos ou furos verticaes para o interior da terra, por meio de sondas ou verrumas de 3 até 8 polegadas de diametro, pelos quaes as fontes subterraneas sobem até a superficie da terra, traspassando muitas vezes o nivel do chão, subindo com repuxo a mais ou menos altura, se perde nas eras remotas, e já era conhecida pelos antigos egypcios no tempo da celebridade e grandeza daquelle paiz, e de que hoje só restam as ruinas afamadas de Palmyra, Thebas, &c., &c. com os seus monumentos espantosos.—Esta noticia foi recentemente communicada pelo governador militar e civil dos Oasis, Mr. Aim, em serviço do bachá do Egypto, o qual n'uma participação á academia das sciencias de Paris, em 10 de Setembro do presente anno, relata que todos os Oasis de Thebas, e Garbia, assim como os mais, são crivados de poços artesianos, dos quaes provinha naquelle tempo de grandeza, a sua fertilidade, e este é sem duvida o exemplo mais espantoso da utilidade dos poços artesianos, que contribuíram nada menos do que para mudar um chão arido n'um paiz de abundancia. Todos estes poços, depois da decadencia destes povos e a ruina das suas cidades, se intupiram pouco a pouco, deixando apenas os signaes onde existiam; e dos quaes se aproveitou o dicto governador para as suas indagações; e foi tão feliz que conseguiu limpar alguns, que tinham uma profundidade de 500 pés, dos quaes immediatamente saltou a agua em grande abundancia sobre o nivel do chão.—Além deste facto extraordinario temos outro não menos notavel; vem a ser: que tendo o illustrado Pachá Mehmed Ali mandado abrir poços artesianos em certas estações da estrada do deserto, que conduz do Cairo para Suez, e com o mais feliz resultado, as caravanas já podem atravessar o dicto deserto, sem necessidade de conduzir consigo agua em odres sobre camelos, com receio de morrer de sede.

O fim dos poços artesianos é chamar as fontes subterraneas [que se acham quasi em todas as partes entre as camadas das rochas constituintes da localidade, em maior ou menor abundancia e profundidade] á superficie da terra, ou para regar os campos, ou para o uso domestico, ou para o movimento de machinas, ou, emfim, nos paizes do Norte, para preservar, no inverno, por meio da temperatura mais elevada da agua dos poços artesianos, as rodas d'agua, movidas por agua corrente e fria, do gelo que nellas se agglomera. Conforme o nivel da nascente destas aguas, e a abundancia com que penetram as fendas das rochas, ellas sobem com maior ou menor força, e ora traspassam o nivel do chão, e muitas vezes em grande altura, ora se conservam estacionarias em certa altura no poço, para então serem aproveitadas por meio de bombas. Por todos estes motivos não é possível dar uma certeza mathematica, nem sobre a quantidade d'agua, e a força com que ha-de subir até traspassar, nem se ella se conservará estacionaria no poço, o que só o tempo póde mostrar; mas pelas indagações e observações *geognosticas* da inclinação das camadas de rochas constituintes e visinhas, assim como pela qualidade dessas rochas, as quaes umas são mais abundantes em fontes que outras, se póde chegar a um grande gráu de probabilidade, para nutrir ou para perder as esperanças de um feliz exito; mas sempre ha uma grande vantagem em terrenos

que apresentam montanhas e valles, sendo forçoso trabalhar ás cegas, e ao acaso, em terrenos chãos e planicies extensas, que ainda não foram furadas.

As nossas esperanças de um feliz exito do trabalho actualmente começado no largo de S. Paulo, foram principalmente grangeadas pelas nossas indagações e observações, das quaes já fallámos n'uma Memoria impressa pela academia das sciencias em 1836; mas como até agora varias tentativas para abertura de poços artesianos em Lisboa, se malograram por falta de practica nestes trabalhos, e além disso faltavam pessoas que soubessem avaliar a utilidade destes poços, receando causar despezas em um objecto cujo exito era incerto, não se emprehendeu ha mais tempo este trabalho por um modo systematico; tendo ficado reservado a S. Magestade ElRei D. Fernando, que bem soube avaliar as grandes vantagens que dahi podiam resultar para a cidade, o dar o primeiro exemplo, fazendo o sacrificio de correr com todas as despezas que causarão estes trabalhos, e a que nós daremos conta no fim, para cada qual poder avaliar se lhe convem ou não emprehender semelhantes trabalhos.—Mas onde se tracta de beneficio publico, desta natureza, basta só lembrar os milhões de cruzados que se tem gasto com as obras das aguas livres, para fornecer a cidade com uma pouca d'agua, que no verão não chega para as mais estreitas necessidades dos habitantes, se as chuvas não ajudarem, reduzindo-se os 75 anneis d'agua que o aqueducto fornece nos mezes da maior abundancia, a 25 anneis nos mezes da sêca, o que não excede a quantidade de agua que um unico poço artesiano póde fornecer; para próva do que, alegaremos aqui o unico exemplo de um poço artesiano, que se abriu ha poucos annos na cidade de Perpignan, o qual com uma profundidade de 145 pés furou uma fonte notavel d'agua, que repuxou 74 pés sobre o nivel da superficie do terreno, dando em cada minuto dois mil litros d'agua, o que faz em 24 horas 6620 pipas portuguezas!—Ora, olhando-se para este exemplo, e depois para os trabalhos tão dispendiosos que ainda se fazem com a abertura de minas ou galerias d'agua para se augmentar com mais alguns anneis insignificante quantidade das aguas livres, gastando annualmente com ellas uns poucos de contos de réis [dizem 8 contos], e com tão pouco proveito, bem vale a pena de arriscar tão modica somma, e ainda mais, o que custará a abertura de um poço artesiano, na esperança de alcançar de uma vez tanta agua como todo o aqueducto das aguas livres contém, poupando-se desta maneira para o futuro todas aquellas despezas que se fazem na abertura de galerias novas, e nas quaes ha muito menos esperanças de alcançar agua sufficiente do que pelos poços artesianos.

Se esta tentativa vingar e tiver bom exito, como se espera, serão as vantagens extraordinarias para a cidade, pois toda a agua que é conduzida do deposito das aguas livres para as partes baixas da cidade, poderá então ser distribuida na cidade alta, onde houver maior falta, visto que a cidade baixa teria com dois ou tres poços artesianos, uma abundancia tal, que até os navios poderiam fazer aguada do lado de Lisboa, e nunca faltaria tambem agua para acudir com ella aos incendios.

Outro obstaculo para a abertura dos poços artesianos em Portugal, e principalmente em Lisboa, era, além da incerteza de um resultado feliz, o quasi nenhum calculo ou orçamento que se póde fazer sobre a sua despeza, não havendo ainda um exemplo pelo qual aproximadamente se possa fazer o calculo; pois tudo depende da qualidade do terreno e de muitos casos accidentaes, que podem fazer com que um poço

ço de 100 palmos de profundidade custe sómente vinte mil réis, e que outro da mesma fundura, custe um conto de réis, pois ha terrenos em que se poderão fazer 30 palmos por dia, e ha terrenos em que não se podem penetrar mais do que 6 polegadas em 24 horas de trabalho; por este motivo muitos fogem de começar um trabalho que não sabem quanto custará, muitos temem ser os primeiros, e por fim, não havendo bom resultado, serem apupados pelo publico ignorante, e chamados ineptos e pedantes, segundo o costume portuguez.

Para animar esta gente timida, e para mostrar que as despezas não são assustadoras, estando uma vez feitas as despezas do apparelho, escolhemos aqui alguns exemplos dos muitissimos que ha, apontados no *Jornal Polytechnico de Dillinger*, e nas obras de *Bruckmann*, tanto a respeito da despeza limitada, e avultada, como dos differentes resultados. "No pequeno logar de Dischingen, na Alemanha, se tractou, ha dois annos, de abrir um poço artesiano, a fim de augmentar as aguas d'um pequeno regato que tocava um moinho; mas como o primeiro poço não dava agua sufficiente, abriram, em pouca distancia uns dos outros, tres poços, e o resultado foi: no primeiro poço penetraram cinco differentes fontes ou lençoes d'agua, uma na profundidade de 23 pés, a 2.^a em 44, a 3.^a em 60, a 4.^a em 64, e a 5.^a em 71, e então trahbordou a agua sobre o nível do chão, subindo por uma manilha estreita de 2½ polegadas de diametro, até 22 pés sobre o nível do chão, dando em cada hora 538 pés cubicos d'agua com uma temperatura de 9º Réaumur. O 2.^o poço, só depois de uma profundidade de 105 pés, atravessando uma camada de marne cretoso, furou um deposito d'agua, que subiu até 8 sobre o nível do chão, e deu depois constantemente 470 pés cubicos em cada hora, com temperatura de 10º R. — O 3.^o poço, com passo distante do 2.^o, alcançou a agua n'uma profundidade de 134 pés, e a columna d'agua subiu até 12 pés sobre a superficie do terreno, produzindo em cada hora 400 pés cubicos [pouco mais ou menos 300 barris] d'agua com temperatura de 9º R. Estes tres poços junctos dão no tempo de 24 horas 333,792 pés cubicos d'agua, o que é mais que o dobro dos gastos d'agua em Lisboa para o uso domestico, sendo todos os tres poços acabados em tempo de 6 mezes, importando as suas despezas todas junctas na modica despeza de 960 \$ 000 réis."

Outro exemplo no dicto jornal dá os resultados da abertura de poços artesianos n'uma pequena aldêa de França, onde se abriram 4 poços, egualmente em pouca distancia uns dos outros. — O 1.^o poço foi furado a uma profundidade de 123 pés, produzindo em 24 horas 34 pipas d'agua, o qual repuxou 3 pés sobre o nível do chão, custando 184 \$ 960 réis. — O 2.^o poço, com uma profundidade de 111 pés, produziu em 24 horas 76 pipas d'agua, que repuxou só 26½ polegadas sobre o nível do chão, e custou 371 \$ 680 réis. — O 3.^o, de 75 pés de profundidade, custou 252 \$ 160 réis, e produziu sómente 1½ pipa de agua em 24 horas, com repuxo de 1½ pé. — O 4.^o, com 63 pés de furo, produziu 274 pipas d'agua em 24 horas, com repuxo de 4 pés, e uma despeza de 406 \$ 080 réis. — Eis-aqui uma differença extraordinaria dentro de um pequeno circuito, tanto nas despezas como nos resultados. — O extremo das experiencias até agora infelizes será a abertura de um poço artesiano em Paris, o qual já tem a profundidade de 400 metros, ou 1200 pés, sem se encontrar até agora agua alguma, e que já custou milhares de francos.

Destes poucos exemplos se conhecerá a incerteza

dos calculos sobre as despezas que, onde estes se fazem, é por tal maneira, que os empresarios, que tomam semelhantes trabalhos de empreitada, com isso não perdem. V. g. na França, calcularam as despezas segundo a qualidade do terreno:

Até a profundidade de 150 pés	180 \$	até 450 \$	rs.
De 150 até 300 pés	270 \$	648 \$	rs.
De 300 ,, 450 ,,	396 \$	870 \$	rs.
De 450 ,, 600 ,,	648 \$	1:080 \$	rs.
De 600 ,, 750 ,,	810 \$	1:440 \$	rs.

Nota.— Bem se vê que nisso ha muita arbitrariedade.

No terreno das visinhanças de Londres, que até grande profundidade é mui facil de furar, e tão facil como o terreno terciario de Lisboa, custam os primeiros 90 pés de profundidade 11 \$ 540 rs.

180 ,, ,,	41 \$	400 ,,
360 ,, ,,	157 \$	100 ,,
540 ,, ,,	360 \$	000 ,,
700 ,, ,,	600 \$	000 ,,

Tambem o Sr. conde de Farrobo publicou uma lista dos preços por cada palmo que se furar em terreno molle como é o terreno de Lisboa, de formação terciaria, e segundo aquella lista vinham a custar os primeiros 90 pés — 65 \$ 600 rs.

A' vista destes calculos sairá a abertura dos poços artesianos mais cara do que se fossem feitos a jornal.

Mas perguntar-nos-hão se em todos os casos é necessario um apparelho tão grande como o que se tem feito no largo de S. Paulo, visto que até agora aqui já se tem feito tantas tentativas para a abertura de poços sem tal apparatus. Póde-se responder que não, logo que haja alguma experiencia, da qual se possa concluir não ser necessario furar mais fundo do que, pouco mais ou menos, 150 palmos, para alcançar o resultado desejado; mas onde faltam estas experiencias, e esta certeza, estando-se resolvido a teimar na abertura até haver resultado feliz, é necessario este apparatus, dando-se ainda á torre a maior altura possivel; pois semelhante arimação recompensará e diminuirá consideravelmente as despezas dos futuros trabalhos, facilitando todas as operações. Além disso, uma vez feito este apparatus com todo o seu apparelho, servirá por muitos annos, e para muitos outros poços que se queiram abrir, sendo além disso calculado de tal maneira, que possa servir, tanto para o trabalho da sonda de barras, como para a verruma de corda, dois differentes methodos que se devem sempre usar conjunctamente; o primeiro no principio, em quanto o terreno for molle, de maneira que se deixe cortar com a verruma de trado ou *aculherada*, o segundo só depois de estar o furo já a mais ou menos de 200 palmos de profundidade, e em rocha. Até a profundidade de 200 palmos, em qualquer terreno, tem a sonda de barras sempre vantagem sobre a verruma de corda, mas d'ahi para baixo sobre-saem as vantagens desta cada vez mais e na proporção inversa que se aprofundar o poço, tanto em tempo como em despeza, de maneira que n'uma profundidade de 600 palmos se tem achado que o tempo que se gasta, assim como as despezas, diminuem já a uma terça parte em comparação com os trabalhos da sonda de barras.

O trabalho em si exige uma grande practica dos trabalhadores para evitar muitos desastres e difficuldades, um certo tacto nas mãos, e saber immediatamente applicar os remedios, antes que um mal, que se encontre, augmente; e por este motivo não é qualquer apto para taes trabalhos. Além disso, cada terreno offerece as suas singularidades para se furar, e por este motivo se deve estar provido de instrumentos proprios para estes casos, mas como para to-

dos seria necessario um arsenal de instrumentos, o que causaria uma despeza enorme, devem o director ou o mestre ter os conhecimentos necessarios para mandar fazer os instrumentos, e até inventar instrumentos novos, para os casos especiaes.

A esta falta de gente practica para os trabalhos, assim como á falta de apparelhos e instrumentos proprios, se deverão principalmente attribuir os máus successos da maior parte dos trabalhos na abertura de poços artesianos em Portugal, não se tendo penetrado até agora mais que 150 palmos, e não obstante isso, com alguma felicidade, achando-se na Barroca d'Alva, com 60 palmos, uma fonte, que repuxa 6 palmos sobre o nivel do chão; e com 150 palmos de profundidade outra fonte na fazenda do Sr. conde de Farrobo, que rega o terreno baixo.

Em outros paizes, e principalmente na Alemanha, são os poços artesianos tão vulgares, que não se encontra quasi villa alguma que não tenha seus poços artesianos: só em Vienna d'Austria se contam 48 poços desta natureza, e todos com agua de repuxo. Cremos, portanto, que o publico portuguez se persuadirá da utilidade dos dictos poços, observando o methodo systematico com que se deve trabalhar, o qual será franqueado a todos que se queiram dirigir a nós; e estando, além disso, promptos a dar todas as instrucções e esclarecimentos a este respeito, esperamos que o uso dos poços artesianos será em pouco mais vulgar.

Cumpre-nos, finalmente, acrescentar a estas noticias practicas, que, para seprehender a abertura de poços artesianos, é mister armar-se da maior paciencia: é necessario obrar sempre com toda a circumspecção, estar preparado para todos os casos e acontecimentos ordinarios, que podem impedir ou retardar os trabalhos, não appressar ou precipitar nada nos preparativos, não perder nunca o animo nos casos imprevisos e nos desastres que acontecem, proseguindo com constancia o que está começado, até alcançar um feliz resultado.

Tão uteis como são em geral os poços artesianos para a agricultura e fabricas &c. &c., não menos interessantes serão em Portugal para a geognosia, reconhecendo-se por meio delles, palmo por palmo, as differentes *acamadações* das formações das rochas perfuradas, as quaes estão postas umas sobre as outras. As observações que ácerca disto vamos fazendo, publica-las-hemos nas nossas Memorias geognosticas.— Mil louvores sejam por tanto dados a S. Magestade, em se ter prestado tão generosamente para a execução desta empreza.— *Barão d'Eschwege, coronel de Engenheiros.*

UTILIDADE DA SCIENCIA.

SE QUIZERMOS particularmente considerar as cousas, qual haverá, que sem letras se possa fazer? Como navegariamos ás terras ignotas; que commercio, que noticia uma gente, affastada por tantos intervallos de mar e terra, teria das outras sem a sciencia da astronomia? Que comunicação ou que prestança das mercadorias haveria sem navegação? Como se edificariam navios, casas, templos, e fortalezas, com suas machinas, tão necessarias á vida e policia dos homens, sem architectura! Como se governariam as cidades, reinos, e republicas, sem a philosophia moral? Como, sem a natural, se exercitaria a agricultura tão necessaria á mantença dos homens? E, descendo ao particular das artes mechanicas, como nos aproveitariamos dellas, se não fosse por meio das mathematicas? . . . Que remedio para as nossas enfermidades, com que os corpos humanos por tão di-

versas vias são offendidos, se não fóra a medicina?—
J. de Barros — Panegyrico da Inf. D. Maria.



ALOE SOCOTRINA.

ESTA planta, muito semelhante nas folhas e figura ás piteiras, é oriunda do Cabo de Boa-Esperança e da ilha de Soccotora, mas cultiva-se nas Indias occidentaes, para se extrahir o succo das folhas, que se transporta á Europa condensado, e tem seus usos medicinaes como purgante e como tonico. Em tempos d'ignorancia acreditaram que tinha especial virtude para prolongar a vida além do termo ordinario: Paracelso, no decimo quinto seculo, affirmava que um elixir de sua composição, cuja base principal era o aloes, podia reproduzir a longevidade de Mathusalem; é porém sabido que este principe dos alchimistas, apesar do seu elixir, morreu miseravel na idade de quarenta e oito annos.

Nas artes tem o aloes tambem importantes applicações. Com este succo prepara-se o verniz aloetico, que preserva dos insectos os moveis e as colleções d' historia natural, e póde servir para isentar os navios e os diques do estrago que lhes fazem os *gusanos das naus*. Foram estes bichos que, em 1731, destruíram em grande parte as estacarias dos diques da Zelandia, e expozeram esta provincia ao risco d'uma submersão por causa da differença que existe entre o seu terreno e o nivel do mar. As fibras de certas variedades de aloes servem, como a pita, para fabricar cordas e tecidos. Os indios, e os hottentotes tiram muito proveito desta planta para usos domesticos.

A herva babosa é uma especie de aloes.

Morte de Charondas — Charondas, legislador de Thurium, de Catania, e dos paizes visinhos, tinha

proibido que entrasse gente armada nas assembleas publicas. Voltando um dia do campo achou o povo reunido; estavam todos os animos extremamente exaltados, e Charondas, sem saber o motivo disto, langou-se no meio da assemblea, e com a sua voz intentou apasigua-los. Ora Charondas tinha-se esquecido de largar a espada antes de entrar na assemblea; e notando esta falta um cidadão, que era seu inimigo, o accusou de quebrantar as proprias leis que fizera. Charondas ao ouvir esta arguição desembainhou a espada, cravou-a no peito, e com o sacrificio da sua vida sancionou uma lei, que julgára boa, e necessaria.

PRINCIPIO E FIM DOS JANIZAROS.

QUANDO Amurath, no meiado do seculo 14.^o, conquistou a Thracia, desde o Hellesponto até o monte Hemo, e estabeleceu em Adrianopoli a capital dos seus estados da Europa, d'entre o grande numero de captivos, que fez nesta guerra, escolheu os mais robustos e bem apessoados, e, depois de os mandar instruir na crença de Mafoma, e ensinar-lhes o mister das armas, formou com elles um regimento de infantaria, a que pozeram o nome de janizaros [*yengicheri*, ou soldados novos]. O poder deste corpo cresceu a ponto, que chegou a exceder o dos seus proprios senhores. Elles fizeram cair do throno a muitos imperadores turcos, e entre elles ao grande Bajazeto. No tempo de Selim 3.^o foi que se começaram a dar os primeiros passos para a destruição desta corporação, que fazia tremer o governo e lhe impunha leis. Selim e os seus ministros prepararam-lhes a queda, fazendo um recrutamento de 12:000 homens, que armaram e disciplinaram ao modo europeu. A firmeza e valor desta nova milicia na defeza de S. João d'Acre fez com que fosse recebida em Constantinopola com o maior entusiasmo; e o Sultão, aproveitando-se desta conjunctura, e conhecendo a necessidade de ir gradualmente diminuindo o poder dos janizaros, mandou que se tirasse d'entre estes um certo numero de lanceiros a pé, para serem incorporados na *mizam djedet*, ou nova milicia. Esta providencia foi recebida pelos activos janizaros com signalada antipathia e opposição, e acarretou um alevantamento, que derrubou do throno o desgraçado Selim, succedendo-lhe Mustapha 14.^o, o qual brevemente foi assassinado.

No reinado de Mahmud 2.^o a deposição e morte de Selim foi vingada, sendo morto de garrote o chefe dos janizaros, que fôra quem dera começo á revolta. Emfim, ha poucos annos, esta milicia orgulhosa se preparou para nova revolução, quando viu que Mahmud a pretendia reduzir á subordinação; mas o sultão tinha resolvido levar a cabo os seus intentos. Começou por tirar de cada companhia de janizaros 150 homens, que deviam ser disciplinados por officiaes egypcios: introduziu tambem novas evoluções, sob pretexto de que isto nada mais era do que renovar alguns exercicios usados no tempo de Solimão. Estando-se, porém, os janizaros preparando certo dia para uma parada geral, um porta-estandarte gritou: "Isto parece-se muito com o exercicio russo!" Produziram estas palavras um effeito instantaneo. Os janizaros marcharam immediatamente para o palacio real, que saquearam; depois espalharam-se pela cidade, commettendo ás mais espantosas violencias. Reuniram-se a final no Atmeidan [praça extensa, que desde tempos remotissimos era o logar onde se costumavam reunir] em numero de 20:000, onde lhes offereceram o perdão se se aquietassem, offerta que elles receberam com altissimo desprezo. Ordenou então o sultão que fossem exterminados. Atiraram-lhes com

artilharia até matarem uns 4:000: langaram-lhes fogo aos quarteis, e qualquer delles que encontravam, matavam-o. Finalmente os membros desta poderosa corporação foram mettidos á espada, ou desterrados, e a Porta ficou livre de uma milicia, que era um cancro no coração do estado.

HONRADEZ DE UM NEGOCIANTE.

Todos teem ouvido fallar nos irmãos Rothschild, oss mais ricos capitalistas da Europa. O fundador desta casa opulenta foi um judeu alemão chamado Moises Rothschild. Eis porque modo elle ajunctou o cabedal grossissimo que deixou a seus filhos.

Quando os francezes atravessaram o Rheno, o soberano de Hesse-Cassel levou as suas joias e dinheiro para Francfort. A reputação de probidade de que gosava Moises Rothschild moveu o principe a depositar nas suas mãos alguns milhões de thalers. Quando os francezes entraram em Francfort teve ainda Rothschild tempo de enterrar o thesouro que lhe fôra entregue. O inimigo levou-lhe tudo o que era delles; mas o que pertencia ao principe salvou-se. Tanto que os francezes saíram de Francfort, Rothschild começou a negociar com o dinheiro alheio, até que seu dono voltou áquella cidade em 1802. Sem esperança alguma de achar o thesouro, o principe procurou o honrado judeu, que lhe disse salvára tudo. "Como eu fiquei sem um *kreutzer*, proseguiu Rothschild, e tinha aqui muito dinheiro de V. A. sem servir a ninguem, fui pouco a pouco pondo-o em gyro, saí-me bem da minha empresa. Agora é justo que eu vo-lo restituia, com cinco por cento de lucro" — "Não: replicou o principe; nem eu quero lucro algum de vós, nem por ora tirarei de vossas mãos este dinheiro." Foi depois desta epocha, que a casa de Rothschild chegou a subido gráu de prosperidade.

ORIGEM DOS MONGES E FRADES.

Com a elevação de Constantino ao throno do imperio romano, as perseguições, que nos primeiros seculos da egreja se tinham sustentado contra os christãos, cessaram inteiramente: o entusiasmo religioso, que tinha tornado sublimes os ultimos momentos dos martyres, existia ainda em todo o seu vigor; mas faltava o theatro onde elle podesse apparecer com todo o seu esplendor; faltavam os ecúleos, as fogueiras, as feras dos circos, as polés, onde os christãos ferveiros na sua crença podessem dar testemunho de sangue e de agonias a favor do Evangelho. Os tempos do martyrio estavam acabados, e o valor e constancia christã não tinham com que lutar: os animos ardentes procuraram, portanto, uma especie de martyrio voluntario, em que podessem soffrer tantas dores e afflicções quantas tinha inventado, para aniquilar o christianismo, a crueldade dos pagãos. Foi esta a origem dos monges ou primitivos frades. Deixavam estes homens fervorosos os paes, as mulheres, os filhos, os amigos, os parentes e as riquezas; affastavam-se do mundo; sugeitavam-se á vida solitaria; não tomavam mais alimento, usavam de mais vestuario, ou dormiam mais tempo, do que o necessario para conservar os alentos vitaes; nestas asperezas não havia fingimento; era tudo real. Alguns dellés, como Theodoro e Simão Estelita, vindo suas proprias mães e irmaãs visita-los, e pedindo com instancia vê-los, não lhes appareciam. Quando algum dellés saía do seu retiro, e voltava aos povoados, era tido em conta de apostata, e de homem inteiramente perdido.

A principio condemnavam tudo o que tivesse os menores visos de sciencia, considerando esta como cousa perniciosa, e imitavam St.^o Antão, que foi o primeiro que se lembrou de viver este genero de vida, e que era inteiramente falto de letras. Passavam o tempo a trabalhar manualmente, callados, orando, e contemplando; mas, depois que começaram a associar-se em mosteiros, foram-se applicando ao estudo.

Viviam separados uns dos outros, cada um em sua caverna, de modo que a muitos delles a existencia se lhes tornava pesada; e passando dias, mezes, e annos a seismar, e desvairar, para sonhar sonhos inspirados, ver visões, e conversar com os anjos e demonios: daqui a fazer milagres pouco ía, e elles os faziam aos centos; pelo menos assim se acreditava naquelle seculo de credulidade.

Os primeiros monges habitavam no alto Egypto nos desertos da Thebaida: a visinhança dos ethiopes fazia por certo com que nas suas solidões vissem ás vezes estes homens, negros e feios de aspecto: porventura daqui nasceu o descreverem nas suas lendas o diabo como um preto ou ethiope de horrenda catadura, e provavelmente dessas lendas tiraram os antigos pintores o costume de tingirem o demonio de negro.

Evagrio nos deixou uma notavel relação dos monges da Palestina no 5.^o seculo. "Alguns, diz elle, encerram-se em mosteiros, e entregam-se a toda a casta de macerações: outros mettem-se em buracos no chão, onde apenas lhes cabe o corpo; outros, e estes são os mais excellentes, homens e mulheres, retiram-se para logares ermos, andam mal vestidos, e com as mãos pelo chão; comendo hervas e raizes como brutos; e, se veem algum caminhante, deitam a fugir e vão esconder-se. Outros monges, ainda mais perfectos que nenhuns dos antecedentes, frequentam as cidades e grandes povoados, dizendo que estão doudos, e correm ás tendas e tabernas, comendo e bebendo com toda a casta de gente; frequentam continuamente os banhos publicos, e buscam mais que tudo a companhia das mulheres, que alli costumam ir, banhando-se ao mesmo tempo que ellas &c." — Talvez os leitores accreditem que Evagrio, narrando estas cousas, queria escarnecer dos monges: enganam-se: Evagrio era admirador da vida monastica, e escrevia a este respeito com a maior seriedade possivel.

Havia idéas tão extravagantes a respeito da sanctidade dos monges e monjas, que S. Jeronymo chama á freira Eustochium *sua senhora*, porque era a esposa do *Senhor*; e recommenda á mãe daquella monja que se lembre de que tem a honra de ser *sogra de Deus*.

PARTICULARIDADES A' CERCA DOS ANTIGOS TABELLIÃES.

A INSTITUIÇÃO dos tabelliães remonta ao tempo dos romanos, que lhes chamavam, como ainda hoje tambem se lhes chama, notarios. No seu principio era este cargo confiado a escravos, que, mais entendidos do que seus amos, lhes minutavam os contractos de compras, vendas &c. — A principio as suas funcções se reduziam á administração economica das familias; mas brevemente se conheceu que a sociedade commun carecia dos seus serviços. Havia em Roma um logar publico consagrado ao exercicio do mister de notario. No tempo do imperador Justino, conhecendo-se cada vez mais a necessidade e importancia desta profissão, os notarios formaram um collegio e corporação á parte. Segundo uma lei do imperador Leão, os notarios deviam ser homens de provada honradez, grandemente instruidos na arte de escrever e fallar, e de profundos conhecimentos legais. Para se provar

quanto vulto tinha tomado o officio de notario no imperio romano, é de notar que o imperador Mauricio, que reinava em 583, tinha exercido esta profissão.

As nações que se formaram no meio das ruínas do imperio romano, parece que delle tomaram aquella instituição: entretanto não se vê que os notarios tivessem character publico e official, senão depois do 12.^o seculo; porque então foi que começou a vogar pela Europa o direito romano.

Um concilio do anno de 813, reunido em Chalons, e varios outros do 10.^o e 11.^o seculos prohibiram que os sacerdotes exercessem o cargo de notarios; mas estas disposições disciplinares nunca foram seguidas, e para isso havia uma razão forçosa: quasi as unicas pessoas que nessas eras tenebrosas sabiam ler e escrever eram os monges e os clerigos. No principio da nossa monarchia achamos *presbíteros* fazendo em muitos documentos as vezes de *notarios*, *escribas*, ou *notadores*, e vemos continuar semelhante uso pelos seculos successivos.

No tempo, porém, d'elrei D. Duarte se fez uma lei ácerca dos tabelliães, que se acrescentou á que sobre este officio fizera D. João 1.^o, sendo ambas mettidas na ordenação affonsina. Por esta lei de D. Duarte, que passou em substancia para as ordenações manuelina e philippina, se vê que se pertendia pôr em todo o vigor as disposições dos concilios a que acima alludimos. É aquella lei de summa curiosidade para a historia dos costumes desse tempo: nella ordena elrei, que os tabelliães, de novo nomeados, e os antigos antes de exercerem o seu cargo tenham um mez de practica perante os juizes criminaes: determina igualmente que *tragam sempre roupas farpadas, de cores desvairadas, com differenças partidas e bem devisadas, e nunca usem de coroa aberta nem grande, nem pequena*, e que percam seu officio se assim inteiramente o não cumprirem. Por esta lei se vê que os tabelliães procuravam arrogar a si o vestuario clerical, e que por esta disposição ficavam obrigados a andarem vestidos d'um modo que os devia dar a conhecer em qualquer parte por seculares.

Não é menos curioso o ver a maneira de que a lei provê no caso em que o tabellião precise de deitar lucto: manda neste caso elrei que ande sim vestido de lucto, mas que as roupas sejam *farpadas*, isto é, cheias de golpes, como se usava naquella epocha, e se usou vulgarmente ainda durante o seculo 16.^o, ou então use do mesmo trajo serapintado, com *fila de burel, de linha, ou de laã*, por cima, em tal guisa, que sempre ande em *avitos leigães*, e em todo seculares.

Lições de Boa-Moral, de Virtude, e de Urbanidade, pelo Sr. D. José Urcullu, e traduzidas do hespanhol pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho. Lisboa 1838. 1 vol. 12.^o

SÃO o auctor e o traductor deste livro dois homens bem conhecidos no mundo litterario, por obras proveitosas a todos, e nomeadamente á mocidade: a que temos presente não desdiz das demais. Introduz o Sr. Urcullu na sua obra um pae instruindo 3 filhos, que têm, ácerca das suas obrigações sociaes [que nestas em nosso entender se encerram todas, sem exceptuar as religiosas], e em fórma de dialogo vae tecendo um cathecismo de moral, adornado com exemplos historicos dignos de imitação, e com fabulas e apologos graciosos. Claro e corrente é o original: clara e corrente saiu a traducção. Serviço, maior que nenhum, é, no tempo presente, vulgarisar livros que instruem, e levem por direita vereda as creanças, porque são

estas que ainda podem ser salvas para a virtude: nós, homens actuaes, educados, e muitos encanecidos, no meio de grandes procellas politicas, do desenfreamento das paixões, dos odios civis, dos extremos oppositos de um philosophismo ignorante, ou de uma superstição ignorantissima, iremos [já agora] assim por nosso caminho de vida, até que o tempo, que tudo some, nos suma as nossas loucuras, e erros, e corrupções, no pelago silencioso do passado. Mister é, portanto, dos animos generosos trabalhar para a geração, que vem, encher o logar que vamos deixando; e é isto o que fizeram o auctor e o traductor deste livro.

Duração dos germen de vegetação. — Em 1830 foi apresentada ao Instituto Real de Londres uma raiz bulbosa, que se tinha achado na mão d'uma momia egypcia onde tinha estado mettida 2:000 annos. Logo que a exposeram á influencia da atmospherá germinou, e, plantada na terra, cresceu com grande rapidez.

Furando-se um poço artesiano em Kingston pegou-se em uma pouca de terra, tirada quando a verruma já já a 360 pés de profundidade, e cubriu-se com uma manga de vidro, para impedir que lhe caissem em cima quaesquer sementes: todavia dentro de poucos dias estava cheia de verdura. Attribuiu-se isto, com razão, a sementes de remotissimos tempos que nella estavam depositadas. — *Jesse's Gleanings.*

MESTRE GIL.

(Chronica do seculo 15.^o)

VII

A VOLTA INESPERADA.

DA BANDA da Landeira entrava por Setubal uma formosa cavalgada: o calor da sésta era grande, e os cavalleiros vinham cubertos de suor, e com as armas tão empoeiradas, que mal se lhes enxergavam as côres. As ruas estavam ermas; porque era a hora, em que costumamos, nós os portuguezes, repousar depois de comer: costume sancto, que nossos avós guardavam á risca, e de que já hoje alguém se envergonha, porque meia duzia de franchinotes litterarios, francezes e inglezes, tiraram dahi argumento para nos taxarem de priguigosos; como se um dia de verão da nossa terra fosse o mesmo que é nesses paizes classicos dos caramellos, dos nevoeiros, e dos sapos, por onde elles moram, e donde o sol do meio dia podéra, sem grande differença, vir fazer entre nós as vezes de luar da meia noite. Foi pena que a natureza antes de nos ensinar, com o quebrantamento que sentimos apenas jantamos, a dormir a sésta, não consultasse esses doutores de além Pyreneus e além mar! Haviam de lhe dar bons conselhos. Como não seremos nós, os habitantes da Peninsula, uns brutinhos, se até a natureza o é neste canto da Europa!

Mas o caso é, que brutos, ou não brutos, os honrados burguezes de Setubal dormiam a sésta pela volta das duas horas da tarde de uma sexta feira, que se contavam vinte e dois d'Agosto do anno da redempção de 1484, na occasião em que a formosa cavalgada, atravessando parte da villa, veio apear-se á porta do paço. Quando ella chegou, mestre Gil, a quem Antão de Faria, partindo para Alcacer, dispensára de acompanhar a côrte, e que neste momento tambem dormia [era escusado dizer-lo] acordou sobresaltado com o tropear dos cavallo, e com o tinir de espadas e esporas, no momento em que toda aquel-

la lustrosa companhia se apeava. Como qualquer desses viajantes estrangeiros, que vem dar uma volta pelo nosso Portugal, e que, mettidos dentro de uma calça, correm as povoações do reino, e, porque estenderam os seus longos pescocós do norte pelo postigo da sege, recolhendo-os logo com medo do sol, se julgam com sciencia de mais, para irem escrever parvoíces sobre os nossos usos, costumes, instituições, e caracter, tal mestre Gil, sem se erguer, estendeu a cabeça para uma das fendas do ripado que dividia o seu aposento do atrio do paço, mirou o tropel, e pôd' enxergar ainda elrei, que ia subindo as escadas, e atraz delle Antão de Faria, Diogo d'Azambuja, D. Pedro d'Eça, Lopo Mendez do Rio, e varios outros cavalleiros da casa real. Causou-lhe alguma admiração esta inesperada volta, e ficou extremamente desejoso de saber o motivo della. Por fim, ainda que com custo, e depois de se espriguigar duas ou tres vezes, ergueu-se, e saiu a farejar novidades.

Não achou, porém, quem satisfizesse a sua natural curiosidade; e tractava de sair, quando, ao cruzar o limiar da porta principal do paço, topou de frente com Diogo Tinoco, que naquelle momento entrava.

Diogo Tinoco era um cavalleiro honrado, a quem o bispo d'Evora D. Garcia seduzira uma irmã, moça formosa, com a qual o mui reverendo prelado vivia escandalosamente. Desde então o pobre cavalleiro, injuriado na sua honra, tinha jurado vingança. Não podendo arrostar com o bispo, poderoso por sua dignidade e familia, fingiu esquecer-se da injuria, e travou falsa amizade com D. Garcia, esperando occasião opportuna para desaffrontar-se. Esta brevemente appareceu. Resolvidos os fidalgos a vingarem a morte do duque de Bragança, e a restaurarem as prerogativas da nobreza, quasi aniquiladas por D. João 2.^o, assentaram que o mais seguro meio, para saírem com seu intento, era assassinar aquelle principe. Um dos principaes conspiradores, abaixo do duque de Viseu, foi o bispo d'Evora, que, fiado na apparente amizade de Diogo Tinoco, lhe revelou tudo. Então o offendido cavalleiro viu aparelhada occasião de satisfazer seu odio. Por intervenção de Antão de Faria, encontrou-se com elrei no convento de S. Francisco de Setubal, disfarçado em habitos de frade. Alli, debaixo daquellas solitarias arcadas, ouviu D. João 2.^o a sua sentença de morte, e tremeu: — não por cobarde; mas porque lhe parecia ouvir de continuo a voz do duque de Bragança que o citava para o tribunal de Deus. Viu que entre elle e a nobreza estava lançada uma nodoa de sangue, que bradava vingança: era preciso morrer ou matar. Tomou a sua resolução; e agradecendo a Tinoco o serviço que lhe fizera, com promessas de grandes mercês, recomendou-lhe guardasse ácerca deste caso absoluto silencio, e não voltasse a fallar-lhe até o dia, em que fosse chamado á sua presença.

Esse dia era este em que mestre Gil o encontrou á entrada do paço. Elrei o mandára chamar.

“Boas tardes, senhor Tinoco:” disse o barbeiro, fazendo uma grande barretada: Vós pelo paço! — Hamil annos que vos não via.”

“Mestre, tornou Diogo Tinoco, vou fallar a elrei, que me mandou chamar.”

“E não me sabereis dizer porque sua alteza voltou de Alcacer tão de salto, quando ninguem o esperava?”

“Não o sei; mas o que vos posso dizer, é, que o chamar-me elle a estas horas é annuncio de grandes novidades.” — Dizendo isto, Diogo Tinoco subiu apressadamente pela escada acima.

“Annuncio de grandes novidades?! —” rosou o barbeiro por entre os dentes: “Ora véde o presumido! Melhor fôra que olhasse por sua irmã, amance-

bada com um clérigo, traidor a seu príncipe, como por ahí se diz á boca cheia! Mas chama-lo elrei! Só se for para o incumbir de alguma carta que queira mandar a D. Anna de Mendonça! Para terceiro ainda”

Um ruído de peças de armadura, jogando umas com outras, fez voltar a cara ao barbeiro, e cortou-lhe em meio o seu soliloquio. Era Fernão Martins que descia ligeiro as escadas. Assim que chegou ao atrio, chamou um soldado velho da companhia dos ginetes:

“Vem cá, Mendaffonso: toma esta carta d’elrei: monta a cavallo, e parte para Palmella, onde acharás o duque de Viseu, que esta manhaã se foi daqui: não te demores em entregar-lha; porque elrei quer fallar-lhe, e vê-lo ámanhaã nestes paços.”

O soldado pegou na carta, montou no seu ginete, e partiu á redea solta pela estrada de Palmella.

“Sr. Fernão Martins! Sr. Fernão Martins! — gritou um pagem do alto das escadas — Sua alteza vos chama a seu aposento.”

E o capitão dos ginetes subiu outra vez apressadamente.

“Forte chamar!” — disse o barbeiro, que já levava a mão ao barrete para cumprimentar Fernão Martins, e tinha a boca meia aberta para travar conversação com elle: “Parece que elrei tem medo de estar só! Se o negócio continua a correr deste modo, até porfim eu sou chamado. Pois hão-de achar-me o lugar!”

Dizendo isto, saiu, e a passo cheio se encaminhou para a praça principal; que, naquelles bons tempos, servia para o mesmo que hoje servem os cafés, bilhares, clubs, templos do supremo architecto, e gallerias de côrtes — para nella esparecerem ociosos. Mas, apenas chegou á praça, mestre Gil sentiu mão de ferro que lhe apertava o coração, e retrogradando, teyde de vir encerrar-se no seu aposento. Não viu por lá viva alma: — a praça estava deserta! . . .

Parecia que fado avesso, — mais avesso ainda do que o de um jornalista — perseguia mestre Gil. Quasi nunca este homem, tão lhano e conversavel, achava quem de bom grado gosasse do seu humano tracto. Pelos diferentes capitulos desta historia terá visto o leitor philosopho a verdade desta nossa profundissima observação. — Se exceptuarmos o dia de *corpus*, em que elle pôde instruir, deleitando, os seus admirados ouvintes, empoleirado no degráu d’uma porta, nunca encontrava senão gente apressada, casmurra, e embebida nos seus cuidados, que, ou nenhum cabedal fazia dos discursos do mestre, ou lh’os atalhava voltando-lhe, sem cortezia, as costas. Se nós fossemos politicos, quão amargas reflexões não faríamos neste ponto, vendo extinguir-se, no meio das trevas espessissimas do decimo quinto seculo, uma intelligencia como a de mestre Gil, que no nosso tão illustrado e aproveitado tempo, podéra, com grande honra sua e proveito da patria, ter preenchido os diversos e importantissimos cargos de vereador municipal, de juiz eleito, ordinario, ou de paz, de conselheiro de districto, de jurado, e de prégador de botequins, com aquelle saber, prudencia, e mais dotes do seu delicado engenho!

(Continuar-se-ha.)

Morte do ultimo imperador christão de Constantinopola. — Constantino succedeu a seu irmão em 1449: e o imperio que, havia 15 seculos, abarcava metade do orbe conhecido, encerrava-se então nas muralhas de Constantinopola. Constantino teve o valor de se defender só com 9:000 homens contra os 400:000 otomanos de Mahomet 2.^o Luctou até á ultima extre-

midade; derribado do cavallo chegou a combater de joelhos; e no momento em que bradava: “não ha um christão que me livre da vida!” um turco lhe levou d’uma cutilada metade da cabeça.

Um Constantino fundou este imperio, nas mãos d’outro acabou.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Dezembro 9.

1573 — Fallece em Evora o nosso illustre André de Resende, a quem alguns, erradamente, chamam Lucio André de Resende. Foi um dos homens mais celebres do seu tempo, principalmente como antiquario.

1608 — Nascimento do celebre poeta inglez Milton, auctor do Paraíso Perdido.

1706 — Fallece em Lisboa elrei D. Pedro 2.^o

1799 — Morte do general Washington, libertador dos Estados-Unidos da America.

10

1616 — Fallece em Goa o nosso insigne historiador Diogo do Couto com 74 annos de idade.

11

1718 — Morte do grande Carlos 12.^o rei da Suecia.

12

1737 — Morre o grão-mestre de Malta, D. Fr. Antonio Manuel de Villhena, de quem fizemos menção a pag. 322 deste volume.

13

1521 — Morre elrei D. Manuel em Lisboa.


1553 — Nascimento de Henrique 4.^o rei de França, que, como diz Voltaire, foi o vencedor e o pae de seus subditos.

14

1547 — D. João de Castro arraza a cidade de Dabul, o maior emporio do Idalcão.

15

1640 — É aclamado e jurado solemnemente rei de Portugal D. João 4.^o

 Os S.^{res} Subscriptores, cujas assignaturas findam com o presente anno, no caso de as renovarem, são convidados a faze-lo pela maneira seguinte. —

Assignatura annual, por 52 N.^{os} 1:200 r.^s

D.^a de semestre, . . . por 26 d.^{os} 640 "

Estes preços regulam para os S.^{res} Assignantes de Lisboa, e Porto; e para os das provincias do reino que recebem pelo correio, porte á sua custa.

Previne-se que d’ora em diante se não tomarão assignaturas com capa para Lisboa e reino.

No Escriptorio da Sociedade se acharão á venda as collecções do Jornal, completas até ao fim deste anno.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.